

Carolina Fulcher



MORTE aparente



*Aos meus pais,
que sempre acreditaram*

PARTE I

ELE

*Vozes felizes afastavam-se luminosas,
desciam as escadas de mansinho,
enquanto as lágrimas não tardariam
a rebentar no escuro.*

O Peso da Sombra, Eugénio de Andrade

1

Antes dos funerais, ia a casamentos; o que faltava nuns sobrava nos outros.

A noiva, a tentar conter a emoção a caminho do altar, e a mãe do noivo, a apertar o canto do olho com o dedo, ao ouvir o filho prometer o resto da vida a outra mulher, eram já banais. Lágrimas de tias, lágrimas de madrinhas, lágrimas de crocodilo. Eis senão quando, ao perceber os olhos marejados de um homem feito a entregar a sua menina, sabia que não podia ter escolhido melhor. Aquele paradoxo ambulante era imperdível; a altivez do fraque a desmoronar ao som da marcha nupcial, deixando atrás de si um rasto branco de renda e angústias. A cada passo, algo se quebrava no âmago do pai da mulher mais feliz do mundo.

Abriu o portátil e entrou no site guardado na barra de favoritos: *Cemitério da Glória*, que o levava diretamente à página das capelas; *Capela Especial*, *Capelas Premium*, *Capelas Standard*, *Salas de Cerimónia Premium*, cada uma com a sua ficha técnica, comodidades e serviços tecnológicos. Por baixo de cada modalidade, havia um botão onde se lia: «Acompanhe as cerimónias ao vivo.» Ao clicar, aparecia uma agenda pop-up com os nomes dos falecidos, a hora da cerimónia e a opção de login:

Vital1300, Couto1600, Dias1800; as palavras-chave consistiam sempre numa combinação de nome e hora do evento que, inevitavelmente, o faziam imaginar uma etiqueta pendurada no dedo do pé do morto. A praticidade de tudo isto contrastava com o luto, vivido na intimidade dos círculos familiares, mas esta era a realidade desde a pandemia. Para quem tinha sido impedido

de se despedir de entes queridos, portas trancadas nunca mais. Perdera-se o pudor de escancarar a perda em derradeira homenagem, presencial ou virtualmente, à família, amigos e a qualquer pessoa com o hábito sórdido de assistir a funerais alheios em streaming.

No início, lia os obituários no jornal enquanto saboreava a sua meia de leite e apontava na agenda aqueles que lhe pareciam promissores.

«Maria Eva Marques: Suas filhas, netos, irmãos e demais familiares, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento da sua saudosa mãe, avó, irmã e parente, e que o seu funeral se realiza hoje, pelas 14h00, na Igreja de S. Domingos, onde será celebrada missa de corpo presente pelas 15h00 horas. Gostaríamos de expressar a nossa profunda gratidão pelos cuidados excepcionais que recebeu a nossa querida Maria Eva e solicitamos a todos os que pretendem homenageá-la com flores, que convertam o seu gesto com a entrega de um donativo para a Liga Portuguesa Contra o Cancro.»

Uma nota absolutamente irresistível, carregada de uma dignidade própria de quem quer dar à defunta tudo, o bom e o melhor; o bom para enterrar a culpa de não ter feito o suficiente, de não ter feito mais visitas, e o melhor para que tão cedo não nos assombre do lado de cá.

Lia com atenção cada palavra porque, invariavelmente, quanto mais enternecedora fosse a nota, mais cacos de gente rodeariam o caixão.

E nem 50 anos de casamento ou dois filhos o dissuadiram de levar a cabo o plano que tinha traçado na adolescência: desaparecer da face da terra.

Ao longo dos anos, a sua voz emudecera ao lado da mulher. Talvez fosse já impercetível o suficiente? Ele próprio incentivava esta dinâmica, como o enfermeiro que passa os instrumentos ao cirurgião, tornando-se secundário no dia a dia familiar.

Porque é que se deu ao trabalho de cuidar dos filhos se já sabia que ia desistir deles? Foi por querer mostrar-se à altura das expectativas dela? Ou porque a sobrevivência deles dependia também de si? Ou simplesmente foi fazendo, foi levando a coisa ainda que lhe custasse por vezes, ainda que tenha sacrificado o seu próprio conforto, o sono, o tempo, o tempo que nunca considerou seu. O tempo passava apenas e com ele levava mais um segundo, um minuto, uma hora, um dia em que não desapareceu. O bebé chorava e ele lá se levantava da cama, dava colo, aquecia o biberão, trocava a fralda e olhava pela janela a pensar a quantos metros dali se espatifaria no chão. O bebé chorava, ele levantava-se da cama, dava colo, baloiçava as cólicas, apaziguava com a chucha e pensava que assim que o pousasse abria a janela. O bebé chorava, ele levantava-se da cama, dava colo e, ao cantarolar dois versos baixinho, espantava-se com a banalidade dos seus últimos atos. Filho nos braços e a cabeça em água, que em poucos instantes se iria despedaçar em mil bocados carnudos, no chão, lá em baixo.

Espantava-se também com isso, imaginando O momento. Como quem rebobina uma fita para encontrar o fragmento que há de

legitimar o sentimento de uma vida. A obsessão, encorajadora como um vasodilatador que se entranha na mente e nos dias de alguém que já decidiu desaparecer há muito tempo. Encorajando, porém, em doses irregulares, e talvez por isso ainda aqui esteja. Trinta anos depois, e ainda tem o cérebro intacto dentro do crânio.

Mas a iminência está lá, dia após dia. Hoje é o dia. Quanto à família, vão ficar bem, são felizes e leves. Cada um plenamente encaixado no puzzle, peças únicas em total harmonia. Ele, uma peça discrepante. Que se virava para a esquerda e depois para a direita, de cabeça para baixo, mas que de maneira nenhuma parecia ter em si o lado certo que coincidissem com as peças à sua volta. Um defeito de fabrico que foi parar à caixa por engano. Ou por algum lapso do útero, que não se apercebeu dos desígnios do ADN daquela matéria orgânica. Que lhe permitiu desenvolver a carne, sem nunca constatar as lacunas da mente. Ou será que teve plena consciência do risco, mas, demasiado orgulhoso para admitir uma tentativa falhada, lhe impôs tal desenvolvimento? Envolheu-o possessivamente nas suas paredes e proveu o alimento, entupindo o cordão umbilical de tal maneira que nunca por ali passou um átomo de alma. E por isso, nem quando chegou a altura de expelir a criatura, se apercebeu de que estava incompleta. Com dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés, um narizinho igual ao do pai e os olhos da mãe, ninguém deu conta de que era, de facto, uma peça imperfeita.

Não tinha memória de quando reparara pela primeira vez que a sua vida era, absolutamente, sua; de que a sua boca articulava o que lhe passava na cabeça, de que a cabeça estava colada ao pescoço, de que o pescoço tinha veias que palpitavam e de que era isso que o mantinha vivo. Era isso que o mantinha vivo enquanto criança. A jaula de carne e osso. A sua vida não era sua, mas de uma força visceral. O seu próprio corpo era a autoridade máxima a quem devia respeito e que nunca podia questionar. E, entretido com brincadeiras de miúdos, assim viveu distraído do paradoxo que definia toda a sua existência.

Mas hoje, sendo inteiramente capaz de tomar a decisão derradeira a qualquer momento, demorava-se a limpar o rosto com água micelar e a massajar as têmporas com o sérum de argila do mar Morto, para prevenir e alisar as rugas já profundas. É que depois de anos de rigorosa disciplina, e apesar de já traçado o plano, tornara-se hábito manter o corpo são. Comparecia às consultas anuais de check-up, verificava meticulosamente cada parâmetro nas suas análises e marcava um ou dois exames adicionais, se assim o mandasse o médico. Tinha arranjado uma fonte de informação privilegiada em regime de ditadura.

No entanto, e sendo inteiramente justo, tomou-lhe o gosto por manter uma aparência cuidada. Da submissão nasceu a vaidade. Como era, de resto, natural em alguém que pretende levar a cabo um plano individualista. Nunca lhe passou pela cabeça dar uma pista que fosse aos que o rodeavam e, em última instância, ao seu próprio corpo. Pretendia deixar de existir como filho, marido, pai, amigo e vassalo da carne e do osso. Com um número de ilusionismo, ia desaparecer da face da terra. No obituário poderia ler-se: «Indivíduo saudável e bem-sucedido decide acabar com a própria vida, não se percebe o porquê.» E todos seguiriam com as suas rotinas, pouco alteradas por tal acontecimento, até porque os filhos já eram crescidos e ele perversamente tinha-se ido desenlaçando da ordem do dia. E o puzzle permaneceria intacto, completo como sempre esteve.

Acordou cedo e olhou para os fios condutores da sua vida, provocatórios debaixo da pele dos pulsos. Pegou na faca do presunto e cortou-os em três tempos. Um, troca, o outro.

No mesmo movimento, a faca descerrou-lhe as pálpebras. Ah! Então foi uma anomalia. Virou-se para o outro lado e dormiu a sono solto.

3

A sala de espera não tinha dois metros de largura, mas era muito comprida, com lugares sentados e espaço para encostar macas.

As pessoas espremiavam-se nos bancos e raspavam os casacos uns nos outros; as mulheres agarravam a carteira em cima dos joelhos e os homens fungavam de cinco em cinco minutos. Um pezito que não parava quieto e as outras cinco pessoas sentadas a vibrar ao ritmo da ansiedade alheia, enquanto espreitavam, de cada vez que se abria a porta do consultório, para chamar o próximo paciente. António José, Sr. António José? Ai... ora então, Agustina Castro? Ah, como está, há tanto tempo, a família vai bem?

Ele já lá estava há mais de meia hora e começava a desconfiar que, em vez de ter uma consulta, ia ser interrogado e que se encontrava na sala de tortura, abençoada com um crucifixo para lembrar de que há quem esteja pior.

Havia um papel na parede a pedir silêncio, mas o ruído era ensurdecedor: as botas de alguém a chegar e que faziam um barulhinho irritante contra o linóleo do chão, o som abafado do telemóvel de um senhor que, entretanto, adormeceu e não deu por isso, e o fio de água a sair do garrafão para o copo de alguém sem sede e sem paciência.

Enquanto esperava, entreouviu uma conversa amigável entre a médica e os pais de um paciente com cancro; tinha pensado em ir embora, mas agora queria ouvir. «Tudo começou com uma dorzinha aqui» e percebeu que outras três ou quatro pessoas tentavam disfarçar o pânico. Mesmo antes de chamarem o seu

nome, um som de fundo cessou de repente, o que o fez sentir uma paz momentânea. Extremamente momentânea. Logo se apercebeu de uma mulher, sentada a um canto, que tinha estado o tempo todo a abrir um rebuçado, como que apostando no som estilhaçado do papel para se fazer presente na sala.

*

Precisava de se desfazer da camada mundana que se tinha colado a ele nas últimas horas e repor as energias, mas, tirando a consulta, não tinha nada apontado na agenda naquele dia. Por isso, quando ia a caminho de casa, pediu a todos os santos uma morte repentina. Não a sua. Mas a de alguém que àquela hora já estivesse a ser exibido numa das capelas do Cemitério da Glória.

Ao menos nisto teve sorte e havia, de facto, um senhor de 70 anos, a quem por engano tinham trocado a dieta no hospital, e como era hipertenso não aguentou o chouriço a dar gosto às favas do almoço. Fez login e foi pôr a água ao lume para fazer um chá. No ecrã de 30 polegadas, um luxo a que se tinha dado o direito depois de descobrir o derradeiro serviço de transmissão, aparecia uma das salas premium sem qualquer referência religiosa, uma alternativa para quem a fé não ilumina. Afinal, os ateus também morrem e o limbo está cheio deles.

Ainda não tinha chegado ninguém, salvo o mestre de cerimónias que era também quem tocava piano, ou violino, conforme a preferência dos familiares, que ajudava a carregar o caixão e ainda servia de amparo a viúvas aflitas. A decoração da sala era frugal, mas as cadeiras de tecido bege e os janelões a emoldurar os ciprestes lá fora, tornavam-na muito mais convidativa do que a das capelas. As pessoas podiam escolher sentar-se nas filas centrais, alinhadas com o homenageado, ou nas laterais, de onde teriam uma visão mais ampla mas uma participação menos intimista. A câmara estava posicionada de forma estratégica ao

fundo da sala, ligeiramente à esquerda, de onde captava sempre a mesma cena: os vivos a olharem para o morto. Um que já cá não está e outros que estarão, ou não.

De um jeito corriqueiro, dois homens de fato carregaram o caixão fechado e pousaram-no sobre um estrado em metal. Depois, um deles retirou a tampa e colocou-a de pé encostada à parede, enquanto o outro cobria o corpo com um lençol de tule. Ao fundo, fotografias e vídeos eram projetados, como que a recriar memórias frescas, acabadas de sair daquela cabeça quiescente mesmo abaixo.

Entre trazerem duas coroas de flores para deixar a sala mais composta e confirmarem o nome e apelido do falecido ao mestre de cerimónias, que o encaixava no discurso habitual, passaram-se alguns minutos. Até que duas senhoras idosas, de braço dado e malinha a baloiçar no pulso, apareceram pelo lado direito e acomodaram-se numa modesta terceira fila. Ao som de um choroso violino, surgiu um casal, seguido por um adolescente tímido. A mulher observava tudo em volta, enquanto dava discretas indicações sobre onde se deviam sentar. Logo, as cadeiras passaram a estar quase todas ocupadas e, tal como uma folha de outono levada pelo vento, uma senhora pequena percorreu o corredor e sentou-se na primeira fila. De cada lado, aninharam-se um homem e uma mulher com o nariz parecido, respetivamente enfiados nos ombros da primeira.

«Eu não quero. Eu não quero que ele vá. Eu não quero» — ouvia-se baixinho nas colunas do computador, fazendo-o apertar várias vezes o botão no teclado para aumentar o volume. Felizmente, a música tinha parado e pôde ainda escutar as palavras: «O que é que eu vou fazer agora?»

Achava curioso esta distorção da realidade que encontrava nos enlutados. Parecia que se esqueciam de que quem tinha morrido, efetivamente, era outra pessoa. A outra pessoa que estava agora numa caixa, prestes a ser reduzida a pó, levando consigo

os seus planos, as suas memórias e, acima de tudo, o seu ego. A experiência única e irreproduzível daquele ser tinha cessado e ainda que, em futuras conversas à mesa, fossem recordadas as suas manias e histórias engraçadas, nunca mais se faria presente na sua singularidade. O estar já não ocuparia uma cadeira. O estar era agora anexo à vivência do outro, a quem aconteceu de morrer um marido, um pai, um avô. «O que é que eu vou fazer agora?», perpetuava o infortúnio do morto, a quem de facto algo aconteceu, e deformava-o até se encaixar num novo molde. O molde de um ego pulsante.

Ninguém diz «coitadinha, morreu-lhe a planta» ou «ele perdeu o peixe muito cedo». O que nos parece mais próximo da natureza, é natural que um dia deixe de existir. Ao contrário do desaparecimento de um gato mais companheiro ou de um amigo, que deixa uma sensação de vazio quase palpável e que existe dentro de cada um. Porque, o que havemos de fazer a tudo o que tínhamos planeado com aquela pessoa? Havia conversas, havia rotinas, havia expectativas, havia tempo. E o tempo e o vazio não combinam; há que preenchê-lo com urgência depois de uma breve interrupção, até restar apenas a tristeza, sempre inesperada. Este estado de espírito transitório, que achava perfeitamente justificável como um choque inicial perante o curso que a natureza tomou, prolonga-se desnecessariamente como se ainda cavássemos uma cova que a terra já se encarregou de abrir e de voltar a assentar: que venha o próximo.

Todos os dias sentava-se à mesa, já posta e rodeada de figurantes de cabeça baixa e orelhas apontadas na sua direção. Servia-se uma, duas, três vezes e de cada vez enchia mais a colher. Era informado de que havia mais lá dentro e que podia comer à vontade, ao mesmo tempo que lhe perguntavam se não estava a comer de mais por causa da dieta. Um dia não são dias.

A refeição estendia-se pelo tempo que levava a contar as suas histórias — e ocasionalmente a sua versão de casos alheios, interrompendo quem os comesse a relatar na primeira pessoa —, com direito a repetição se os risos não fossem satisfatórios ou o vinho já tivesse enchido o copo quatro ou cinco vezes. Rematava com um café, uma cigarrilha e um whisky, que lhe apareciam à frente como que por milagre, antes de se retirar para o cadeirão com a barriga saliente a escoar vagarosamente o bolo do esófago. Para acelerar o processo e resolver esta estranha sensação de mal-estar, que não se percebia a origem, era comum mastigar um pepsamar acompanhado de uma mini, para tirar o gosto.

Um dia, durante o jantar, alguém se lembrou de dizer que tinha uma opinião diferente da dele. O protagonista engasgou-se e espetou a cara no prato, salpicando o cenário com molho de carne assada.

«Ninguém estava à espera disto, foi um choque muito grande. Então uma pessoa tão nova e saudável... Sabe que perdeu 11 quilos no último ano, não sabe? Não lhe custava nada fazer dieta e andava dez mil passos todos os dias. A verdade é que não se pode enervar quem sofre do coração.»

Aquele desenho na parede olhava-o de volta. Os traços a grafite do papel amarrotado hiper-realista, parecia conter toda a sua identidade. O seu negrume em cada vinco e dobradura. Tudo o que mais queria naquele momento era abrir a folha e libertá-la da eternidade de ser apenas um bilhete.

Cinco minutos depois da hora marcada, as vozes tornavam-se mais distintas à medida que se aproximavam da porta, corrompendo a espera de nervosismo. Para se certificar de que não se esquecia de nada, voltou a ensaiar mentalmente o diálogo que queria ter com a psiquiatra, mas os temas baralhavam-se com a pressa e pareciam-lhe agora irrisórios. A maçaneta rodou, o que o fez desviar o olhar para não parecer intrometido.

— Está bem, doutora Dulce, a ver se não me esqueço, já sabe que não é fácil porque a minha irmã...

— Pronto, então até à próxima, até à próxima...

— Adeus, adeus... Volto depois dos feriados, não é assim?

— Sim, sim, exatamente! Adeus, adeus, com licença, adeus!

Depois da última palmadinha nas costas, fechou a porta e virou-se para ele com um sorriso de boca fechada, mas doce. Convidou-o a entrar na salinha onde havia uma secretária, duas cadeiras estofadas de cada lado e um divã colado à estante cheia de livros. Fazia-lhe lembrar o gabinete do diretor da escola, onde ia muitas vezes nos seus 12, 13 anos, e onde tinha chorado uma ou duas vezes. Pousou o casaco noutra cadeira encostada a um canto e foi-se sentar à frente da doutora Dulce Rio, a psiquiatra com quem tinha trocado três mensagens para marcar esta consulta. Depois de a primeira ter ficado sem resposta, confirmou

o número que lhe tinham dado e tentou uma segunda vez. «Tenho vaga quinta-feira, dia 19 às 15h30. Pode ser?» Respondera positivamente, com pudor de perguntar pelo valor da consulta e se tinha seguro, e agora aqui estava.

— Muito bem, então conte-me lá o que o trouxe aqui.

— Foi a minha tia que me deu o seu número e então mandei mensagem...

— Ah, sim, sim! Sabe que o meu telemóvel tem vida própria, de cada vez que me manda mensagem, eu recebo duas repetidas. Não sei se terá que ver com a rede no hospital onde trabalho, que não deve ser muito boa, e já outros colegas se queixaram do mesmo. Uma vez, estive uma semana inteira sem saber onde o tinha deixado, imagine só! Com tantos pacientes a mandarem mensagem, e eu até pedi na secretaria para me liguem, a ver se o ouvia, perdido nalgum gabinete, do fixo podiam ter mais sorte, mas nada. Até que fui buscar um casaco que tinha deixado na lavandaria e estava lá! Tinha ficado esquecido no bolso e, como não tinham mais nenhum contacto, guardaram-no até eu voltar.

A história saía da boca da psiquiatra em golfadas e risinhos intermitentes, dando-lhe vontade de acompanhar com uma reacção igualmente enfática, apesar de se sentir deslocado. Quando deu por si, já estava a sorrir e a sugerir explicações para o mistério das mensagens, até a aconselhar trocar por um modelo de telefone mais a par com a última tecnologia.

A hora passou a voar e, apesar de ter mencionado uns laivos de comportamento obsessivo, a psiquiatra não lhe passou nenhuma receita. Disse apenas que deveria voltar e abriu a agenda. A próxima data seria dali a um mês e meio, infelizmente, não tinha disponibilidade antes, mas se houvesse alguma desistência entraria em contacto. Efetivamente, foi o que aconteceu. Passados 20 dias estava de volta e depois no mês seguinte. A cada consulta, a doutora Dulce cerrava mais os olhos, alterando-os entre ele e o cartão com os seus dados, ponderando

em silêncio. Até que no sexto encontro, em vez de escrever no cartão, pôs-se a desenhar uma espiral muito nítida, para que ele a pudesse ver bem. Encarou-o e disse:

— Vamos começar a medicação.

Enquanto escrevia a receita, fazia contas e lançava-lhe ainda olhares espremidos, como quem está a ponto de rasgar o que está a escrever. Por fim, remexeu na gaveta e tirou de lá um selo que colou no canto da folha, como se fosse uma estrelinha de bom comportamento.

— Vai fazer dois miligramas de risperidona por agora e vamos falando, vai-me dizendo como se sente.

As oito patas viradas para cima estremeciam, como linhas a tentarem reerguer uma marioneta. Percebeu que o processo levaria o seu tempo e, por isso, pousou o queixo, ainda de menino, nas mãos esticadas sobre o muro. Manteve a sua posição pelo que lhe pareceram horas, mesmo depois do último espasmo, pois aquilo não era o fim. Não podia ser; a aranha ainda havia de «ir para o céu e transformar-se em estrela», como lhe ensinaram na catequese. E, portanto, evocando toda a paciência que cabia dentro de um rapaz de cinco anos, ficou a observar o cadáver à espera de testemunhar a sua ascensão divina.

Tudo começara com um grande alvoroço; as raparigas para um lado e as contínuas para o outro, entre berros estridentes e vassouras viradas para cima a sacudir as teias no teto da casa de banho das mulheres. A ele, faziam lembrar o apanhador de sonhos que a tia trouxera de uma viagem aos Estados Unidos e que baloiçava sobre a pequena cama, hipnotizando-lhe os olhos numa espiral sonolenta. Explicara que os pesadelos seriam capturados na trama em macramé e que os sonhos bons atravessariam o aro intactos, trazendo histórias felizes para a criança protegida. Estava preso a um camarão minúsculo no teto, suspenso por um fio de nylon invisível num canto do quarto junto à janela. Ali permaneceu ao longo dos anos e, quando já não havia sonhos para peneirar, deixou-se estar como as teias de aranha nas vigas das casas abandonadas.

Ao passarem por ele no corredor, as auxiliares usavam agora as vassouras para enxotar as raparigas histéricas para o recreio. Das cerdas rijas, onde iam agarradas as teias desfiadas, voou

um aranhão que foi aterrar no chão de cerâmica ao lado do seu sapato. Com todo o cuidado, varreu-o com o dedo para a palma da mão e levou-o até ao canteiro do lado de fora. Quando tocou para entrar, já as patas estavam todas encolhidas.

Ouvia a professora chamar para a sala, mas precisava de confirmar o desfecho para encontrar algum conforto. Nisto, ocorreu-lhe que talvez este fosse um fenómeno semelhante ao da Fada dos Dentes, do Pai Natal e do Coelhinho da Páscoa; aconteceria assim que desviasse o olhar. Aliviado, endireitou-se, sacudiu os calções e dirigiu-se para dentro. O quadrado de luz no chão da sala encadeava-o de tal maneira, que teve de levar a mão à testa para fazer sombra e ser capaz de encontrar o seu lugar na roda de meninos sentados no chão. Entre joelhos ralados e batidas aos quadrados, não conseguia pensar noutra coisa senão na morte da aranha, mergulhado num aparvalhamento que o transportou pelas atividades daquela tarde.

Quando o sol já formava apenas um pequeno triângulo no chão prenunciando a sala em breve vazia, olhou pela janela e constatou que o céu ainda estava límpido. Num suspiro espreguiçou-se e questionou-se se saberia distinguir a aranha no céu estrelado; seria, sem dúvida, uma das estrelas mais brilhantes, dado ser tão recente a sua partida. De súbito, foi tomado por um terror que lhe empurrou os cantos da boca para baixo. Lembrou-se de que, ao transferir o moribundo, pousara-o à sombra das telhas por cima do canteiro na esperança de que pudesse haver salvação. Agora, temia que este bloqueio na trajetória ascendente tivesse condenado o bicho a ser, para sempre, sedimento debaixo do beiral.

Esta memória enternecia-o e gostava de pensar que, de alguma maneira, as suas sessões de vigília aos mortos fossem uma forma de reconfortar aquele menino assombrado com o fim.

Em sua casa, um homem assiste a um espetáculo silencioso no computador: funerais em streaming. Um passatempo diário que, certo dia, é interrompido pela descoberta de alguém que não deveria lá estar.

Marcados por ausências antigas, ele procura nas despedidas alheias um reflexo do seu próprio vazio, e ela dá colo aos que acabam de chegar ao mundo, como forma de curar a própria ferida. Entre o início e o fim da vida, os dois cruzam-se num território comum: a solidão.

Um romance sobre o isolamento humano, o peso da ausência e os caminhos que nos levam de volta ao que perdemos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

   [penguinlivros](#)

ISBN: 978-98-958-9320-1



9 789895 893201